

Prefácio

O conhecimento pelo Dr. Andresen Leitão de que eu era um dos raros sobreviventes dos negociadores portugueses da ajuda que nos foi concedida pelo Plano Marshall levou-o a solicitar-me o prefácio para este livro, *Estado Novo, Democracia e Europa*, que é o resultado da sua tese de doutoramento em História no Instituto Universitário Europeu.

É uma obra fundamental para compreender a política económica externa (e em boa parte a interna) nas suas interligações com a política no Portugal dos últimos sessenta anos.

A abrangência e a profundidade da temática tratada levar-me-iam um comentário com, pelo menos, a dimensão de um novo capítulo; por isso limito-me a duas ou três anotações, de preferência ligadas aos períodos da minha intervenção.

Não posso deixar de saudar a justiça prestada à acção de Corrêa d'Oliveira, o principal obreiro da abertura de Portugal à Europa, com quem colaborei, como subordinado, como colega e sempre como amigo.

Tenho pena de não ter encontrado no trabalho uma referência a João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), que foi o ministro que, no período do Plano Marshall, mais apoiou Corrêa d'Oliveira e que no convívio com Salazar — junto do qual gozava de grande confiança — mais ajudou a acreditar as teses de Corrêa d'Oliveira.

No que se refere aos «fundamentos» políticos, o papel central foi sempre de Salazar; porém, no tocante ao rumo da política económica externa, Salazar era um parceiro «tolerante», isso não se pode negar, mas não se lhe pode atribuir o «entusiasmo» de Corrêa

d'Oliveira (p. 270). Aliás, o autor é concordante com esta distinção ao referir logo a seguir (p. 270) o brilhantismo de Corrêa d'Oliveira no convencimento do Conselho de Ministros para o Comércio Externo.

A opção EFTA está bem documentada, a solução não podia ser outra, a CEE, pelos seus condicionalismos, estava-nos vedada e a nós também não convinha o seu modelo, por motivações políticas — a ideia vigente da soberania nacional — e pelo problema colonial.

Pode parecer paradoxal que o obreiro da participação portuguesa na cooperação europeia tivesse sido igualmente o mentor da integração económica interterritorial, na elaboração dos diplomas da qual colaborei no Banco de Portugal (com um director e depois administrador — de grande qualidade técnica —, Álvaro Ramos Pereira). Fui também o primeiro e único presidente da zona monetária do escudo (da qual, nos termos em que foi criada, discordava).

A diferença do grau de desenvolvimento da metrópole e das colónias era de tal modo acentuada que o estabelecimento de uma moeda única foi um erro palmar.

É interessante notar que o grupo mais conservador, que via com maus olhos a nossa adesão à Europa, via com entusiasmo a criação do espaço económico português, que se complementava com a sua visão atlantista.

O grupo europeísta de modo algum preconizava o afastamento político dos Estados Unidos. Salazar, esse, era algo cioso da nossa independência, mas acabámos por aceitar a ajuda Marshall. O erro dos atlantistas era supor que as relações «comerciais» com as colónias, o Brasil e os Estados Unidos podiam superar as relações existentes com os países europeus (EFTA e CEE)

Já que referi as minhas colaborações, devo fazer aqui um esclarecimento: fui o autor (em colaboração com o Dr. José da Conceição) do diploma da criação do Banco de Fomento Nacional (daí as minhas relações com o Dr. Rafael Duque, que me levou depois para o Banco de Portugal), tendo incluído no diploma várias sugestões de outro projecto elaborado sob a orientação do Prof. Marcelo Caetano. O projecto estava pronto em fins de 1957, início de 1958, mas só foi publicado em fins de 1959, por motivos aos quais fui completamente alheio, pois nem deles tive conhecimento.

Começam a aparecer estudos sobre a evolução mais recente (último meio século) da história económica (e política) de Por-

tugal. Esta obra, fruto de uma investigação exaustiva do autor, vai figurar entre os trabalhos cujo estudo é imprescindível para conhecer a realidade portuguesa no período analisado. Espero bem que o autor tenha muitos epígonos.

M. JACINTO NUNES
Professor catedrático jubilado
de Economia